

Sexta-feira, 31 de Julho de 1959

RUBEM BRAGA

FESTA NO MAR

PARECE um «ballet». Todos usam macacões azuis ou brancos, mas a cor das blusas e dos gorros varia: há amarelos canário, rubro-negros, verdes alface, azuis e amarelos. Cada cor corresponde a um papel nessa pantomima rápida de homens e máquinas; alguns cuidam da munição, outros de manobrar a catapulta, outros da mecânica...

Estamos a bordo do «Albion», porta-aviões de Sua Majestade Britânica. Enquanto um «Sea Hawk» assobia cada vez com mais fúria, um mecânico ainda está sentado, quase deitado sobre sua asa direita. O ruído é ensurdecedor, apesar de havermos tamponado os ouvidos com algodão; mas o gorro daqueles homens desce sobre as orelhas, e é pelo rádio que eles escutam as ordens. Quando o assobio chega ao paroxismo, um marinheiro tira os calços; o outro que está sobre a asa, fecha dois ou três orifícios, salta para o convés, corre para um lugar certo. Todos esses movimentos são coordenados com precisão. Os homens que se demoram sob o jato, para ligar o cabo de aço que lançará o aparelho no ar, rolam pelo chão exatamente cinco vezes, depois se postam em um só joelho, voltados para a popa. O manobreiro baixou com energia a bandeira verde. Durante um segundo o aparelho permanece imóvel, depois é lançado no ar, e em poucos instantes está a milhas de distância, no céu.

Como num palco moderno uma parte do convés ergue-se ou afunda, trazendo homens e aviões. No meio do grande mar azul, debaixo do sol, isso parece também um enorme brinquedo colorido para crianças. Somos «atacados» pelos jatos em vôo rasante, mas nossos canhões respondem com estrepito, abalando o barco. Uma fragata lança da popa para algumas centenas de metros além da proa uma série de bombas de profundidade. Como avançamos ao lado na mesma velocidade da fragata, a impressão que temos é de que essas bombas passeiam lentamente no ar. Quando elas afundam e estouram ergue-se uma barreira de água altíssima. Bonito!

O brinquedo continua: foguetes, depois tiros de canhão levantam colunas de espuma junto a um alvo imaginário; artilharia anticérea visa pontos de luz colorida que descem. Na volta, os aviões trazem um gancho na cauda, que se prende a cabos estendidos no convés. Com flexões de braço enérgicas um marinheiro os orienta até que cada um ocupe o seu lugar exato no convés. Emergem então de seu bôjo os pilotos com seus estranhos escafandros aéreos. Quando um avião vem descendo fora da direção certa, dois foguetes coloridos são lançados no ar e o piloto arranca outra vez, zunindo sobre nossas cabeças.

Calmos oficiais ingleses nos explicam tudo com paciência e bom humor e o conselheiro da embaixada Wills nos leva a almoçar. Saímos 30 milhas barra a fora, voltamos agora para o Rio. O «ballet» de homens e máquinas com sua música vertiginosa acabou. Sua Majestade Britânica despendeu 12 milhões de cruzeiros nessa demonstração; quantos bilhões mais não gastou para construir e armar essa flotilha, pagar e manter esses 1.500 homens? Ah, um dia, quem sabe, haverá grandes navios de brinquedo que serão brinquedos de verdade, para todas as crianças do mundo passarem um dia no mar, ver esse «ballet», viver essa festa de cores, máquinas, espumas e sol. Que maravilhas não fará o homem quando ele não mais tiver de preparar a guerra?

O H.M.S. «Albion» entra de volta, imponente, a Guanabara, entre montanhas violetas.